

INFERNO PROVISÓRIO DE LUIZ RUFFATO: REPRESENTAÇÕES DE UM BRASIL FORA DA ORDEM E DO PROGRESSO.

Doutoranda Rosana Corrêa Lobo

Resumo:

Tendo como ponto de partida a saga *Inferno Provisório*, do escritor mineiro Luiz Ruffato, publicada pela editora Record, entre 2005 e 2011, esta comunicação pretende analisar como se configura a representação do imaginário nacional na literatura brasileira. Como se sabe, o tópico ‘nação’ ocupou um lugar central na ficção nacional nos períodos romântico e modernista, mas, diante do processo de globalização, vem perdendo relevância e abrindo alas para a construção de imaginários mais cosmopolitas. O escritor mineiro, no entanto, parece ir na contramão deste ideário contemporâneo que evidencia o surgimento de sujeitos sem identidade fixa, resgatando uma tradição da nossa literatura de narrar a nação. Ao escrever sobre o universo do trabalhador urbano, os sonhos e pesadelos da classe média baixa, com todos os preconceitos e tragédias, o autor contribui de maneira bastante inovadora para a reflexão sobre a realidade brasileira, ainda que sob a bandeira da denúncia de um projeto de modernização nacional que nunca se realiza.

Palavras-chave: Luiz Ruffato, identidade, história e literatura brasileira.

A investigação de como se configura a representação do imaginário nacional na cultura e em especial na literatura brasileira vem fazendo parte das minhas preocupações acadêmicas desde 2008, quando ingressei no curso de mestrado do Departamento de Letras da PUC-Rio. Sempre que possível direcionei a escolha das disciplinas e seminários para discutir as transformações pelas quais as narrativas da nação vêm passando desde o período romântico – momento em que se inaugura a reflexão sistemática sobre a identidade nacional - até os dias atuais.

De maneira resumida, pude constatar que “a nação, tal como ela foi concebida pela modernidade, tornou-se uma ficção desnecessária”, como escreve Vera Lúcia Follain de Figueiredo (1999: p. 74), no ensaio “Central do Brasil: em busca da terra prometida”. Esta ideia permeou quase todas as páginas da minha dissertação de mestrado, na qual analisei três romances do projeto *Amores Expressos – Cordilheira* (2008), de Daniel

Galera, *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho e *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato – publicados até a ocasião pela editora Companhia das Letras. Na época, eu tinha em mente que as narrativas ambientadas em universos mais cosmopolitas ganhariam a cena da literatura contemporânea num caminho sem volta.

Defendida a dissertação, em 2010, passei a dedicar-me no curso de doutorado a acompanhar a trajetória literária de um dos autores de *Amores Expressos*, Luiz Ruffato. Mineiro de Cataguases, nascido em 1961, este autor me pareceu ir na contramão, como chama à atenção Giovanna Dealtry, de um ideário contemporâneo que evidencia o surgimento “de sujeitos sem identidade fixa e que, cada vez menos, estabelecem vínculos de pertencimento exclusivos com a nação de origem” (2007, p. 175).

Este autor dedica-se desde 1998, quando lançou o livro de contos *História de remorsos e rancores*, a escrever sobre os sem voz, os excluídos da história oficial da nação. Sobre aqueles, os quais ninguém mais lembra o nome, a pelagem, a origem, tais quais os cavalos de um verso de *O Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, que dá nome ao romance mais festejado de Ruffato - *Eles eram muitos cavalos* (2001).

Ao escrever sobre o universo do trabalhador urbano, os sonhos e pesadelos da classe média baixa, com todos os preconceitos e tragédias, o autor parece fazer eco a uma tradição da nossa literatura de narrar a nação. Luiz Ruffato e sua saga *Inferno provisório* - composto de cinco romances publicados pela editora Record, entre 2005 e 2011- parecem contribuir de maneira bastante inovadora para a reflexão sobre a realidade brasileira, ainda que sob a bandeira da denuncia de um projeto de modernização nacional que nunca se realiza.

Certo dia eu me deparei com a seguinte frase do autor para justificar a sua obra, que me fez repensar a questão da representação da nação na literatura contemporânea: “Proclamar a nossa singularidade é uma forma de resistir à mediocrização, à tentativa de aplainar autoritariamente as diferenças culturais” (RUFFATO, 2008, p.323), alertando para o fato de que as fronteiras derrubadas pela globalização eram para as mercadorias e não para as pessoas.

A princípio esta frase me soou anacrônica, pois parecia insinuar um certo ‘essencialismo’ romântico ou um patriotismo verde-amarelo. Foi então, ao começar a ler a saga *Inferno provisório*, corpus central de minha tese e tema desta comunicação, que pude perceber que a singularidade à qual o autor se referia não está ligada à autenticidade de nossa cultura ou exuberância da nossa paisagem.

O autor consegue fugir à mediocridade da homogeneização cultural não por cantar ou meramente decantar as singularidades nacionais, mas através da singularidade da sua escrita, digo, por ter encontrado uma maneira própria, singular, de contar histórias nacionais. Ao contrário das narrativas ‘documentais’, que privilegiam o relato transparente, objetivo, fotográfico, em que “estão ausentes o humor, o fragmento e a ambiguidade”, como denuncia Flora Sussekind, em *Tal brasil, qual romance?* (1984, p. 32-35), em sua obra triunfa o componente da singularidade estética sobre a singularidade nacional.

Acredito que o projeto em questão consegue ser um instrumento de resistência à estandardização cultural sem cair num discurso panfletário ou antiimperialista. Através dele, Ruffato dá voz a personagens excluídos secularmente do imaginário nacional, por meio de um acurado exercício estético da linguagem e pensando as singularidades do Brasil sem cair em nacionalismos xenófobos ou totalizantes.

A narrativa pedagógica da nação, baseada no “pré-estabelecido ou na origem histórica continuísta do passado” (Bhabha, 2010, p. 206), tal como a concebida pela modernidade, parece mesmo ter se tornado uma ficção desnecessária ao sistema capitalista. Isso não quer dizer que as disjunções e as ambivalências nacionais tenham perdido o seu potencial ficcional. O microcosmo nacional representado de maneira performática por Ruffato desestabiliza o significado de povo homogêneo, lembrando que estamos diante de uma nação dividida no interior dela própria, num tempo heterogêneo.

As histórias que compõem o *Inferno provisório* se entrelaçam simultaneamente deixando entrever uma realidade complexa e paradoxal. As noções de bem e mal, passado e presente, campo e cidade, local e global, desprezo e apego irracional pelas

origens contaminam e rasuram umas às outras. Afinal, como questiona Alfredo Bosi, em *Literatura e Resistência*, “quem garante que o homem simples seja tão simples assim?” (2002, p. 259).

O autor, embora procure reconstituir os últimos 50 anos da história brasileira, do ponto de vista da classe média baixa de Cataguases (MG) não cai na armadilha historicista de preencher lacunas através do registro realista, mas resgata uma memória coletiva de maneira descontínua, fragmentada e através de uma linguagem repleta de vãos. Tanto a forma quanto o conteúdo da mensagem de Ruffato deixam emergir resíduos¹ de Brasil em ruínas.

O tópico da origem, da crença de que existe uma origem localizável, concreta, para o fundamento da nacionalidade é rasurado por Ruffato. A cidade de Cataguases, de onde ele provém, é descrita como um microcosmo nacional degenerado em sua origem, como a nau dos versos de Jorge de Lima, usados como epígrafe dos cinco volumes da coleção. Esta nau não chegou nem chega a lugar algum, não por falta de quem a guiasse / guie no mar, ou por não ter velame ou leme, âncora ou vento... “mas simplesmente porque já estavam podres no tronco da árvore de que as tiraram”.

Além da origem podre, a epígrafe de Jorge de Lima, assim como a coletânea de Ruffato, apontam para a falta de rumo da nau-nação, ‘engessada’ num caminho sem saída, metaforicamente representado pelo Beco do Zé Pinto. Neste local, vive um amontoado de lavadeiras, domésticas, analfabetos, alcoólatras, desempregados, ex-prostitutas, loucos, costureiras e operários-zumbis das várias indústrias têxteis instaladas em Cataguases, onde, apesar da miséria e da violência dominantes, ainda há resíduos de uma ‘camaradagem horizontal’.

Enquanto uns personagens buscam a saída deste beco através da fuga para a cidade grande, outros buscam a saída através da religião. E, para aqueles que não têm muita disposição para procurar uma saída resta gastar o tempo com a TV ou o botequim. Eis, portanto, as saídas alegóricas que tentam dar conta de preencher, em vão,

¹ No sentido utilizado por Raymond Williams em “Dominante, residual e emergente”, 1979, p. 124.

um sentimento de orfandade deixado pela pseudomodernização nacional: a migração, a fé, a cachaça e a TV.

Se as primeiras narrativas de fundação contribuíram para a manutenção do mito do paraíso terrestre, na saga *Inferno provisório* Paraíso é apenas o nome de um bairro, onde, aliás, as diferenças sociais ficam patentes.

O bairro ainda banguelo, uma lonjura, nem água, nem força, calçamento, então!, e escola?! [...] Casebres de pau-a-pique e vira-latas, o Paraíso dos pobres. Ao centro escalava uma suave elevação entre mangueiras e abacateiros, casas-de-alvenaria, poços artesianos, cachorros, o Paraíso remediado. À direita, ensaibrada, chácaras de muitos pomares, pastores-alemães e amplas varandas, o Paraíso dos ricos (RUFFATO, 2006; v.3, p. 105).

A visão de Ruffato sobre a realidade cataguense, na Zona da Mata mineira, cuja economia é baseada na indústria têxtil e polo de atração da mão-de-obra da região rural, afundada na pasmeira da agricultura de subsistência, está muito mais próxima do inferno, como sugere o título da obra, do que do paraíso.

Não o inferno do catecismo, labaredas fustigando condenados, tridentes sujigando pecadores, gritos de tardios arrependimentos, mas outro, encenado em certa casa naufraga, oculta atrás do bambuzal, para onde convergiam voçorocas e caminhos de formiga, minúscula se avistada do topo do pasto. Arrogante se de sob o assoalho carunchado (RUFFATO, 2005, v. 1, p. 40).

Ao contrário das narrativas idealizadas, os romances não apagam os elementos divergentes da sociedade cataguense, como o fez José de Alencar ao promover em seus romances o consórcio harmonioso entre o índio e o colonizador, e a obliteração do negro, mas descreve episódios diversos de intolerância com o outro, com o diferente.

Intolerância racial, como no caso da personagem Orlando Spinelli, do episódio ‘Tocaia’, que, bêbado, espanca o ‘afilhado’ negro em praça pública (RUFFATO, 2005, p. 104) e religiosa (e racial), como no conto ‘O ataque’, em que uma mãe teme que o filho Reginaldo se case com Rejane, filha de uma umbandista.

O que os incomodava deverasmente, alegavam, nem tanto o fato de Sá-Ana ser preta-preta, retinta [...], mas o centro-de-macumba que mantinha nos fundos da casa, vizinha ao Beco do Zé Pinto. Não é questão de cor, minha

mãe frisava, é que esse povo mexe com o que não deve, feitiçaria, o tihoso, Deus-que-me livre-guarde! (RUFFATO, 2006, v.3, p. 58)

E intolerâncias de diversas naturezas como as reunidas na personagem do delegado Aníbal, pretensamente defensor da ‘ordem’ e dos ‘bons costumes’:

o mundo tresanda porque escasseiam os machos, errou, tem de pagar, está na bíblia, por conta da rédea solta, filho desrespeita pai, filha debocha da mãe, cunhado achaca cunhado, a putaria descamba [...] sicrano mijou pra trás?, porrada nele, assim aprende a apreciar autoridade (RUFFATO, 2006, v. 3. p. 132)

Já os heróis, aqueles que no período de consolidação das nações sacrificavam suas existências em nome da coletividade, em *Inferno provisório* são absolutamente destituídos de nobreza. São aqueles que deixam para trás Cataguases – “um lugar mesquinho onde reina a falta de horizonte” - rumo ao Rio e São Paulo - “um mundo. Lá, quem tem força de vontade vence”, como sentencia Seu Raul, personagem de “Outra fábula” (RUFFATO, 2011, v.5. p.78) resumindo o imaginário dos moradores da região.

É sob o pano de fundo pendular dos anti-heróis que migram e dos desacorçoados que ficam na cidade que Ruffato tenta reconstituir os últimos 50 anos da história nacional, quando teve início uma profunda mudança do nosso perfil socioeconômico de um modelo agrário, conservador e semifeudal para uma urbanização, segundo o autor, “desenfreada, desarticuladora e pós-industrial”, e suas consequências na desagregação do indivíduo (RUFFATO, 2008, p. 322).

O esvaziamento do campo, a industrialização, o Carnaval, a ditadura militar perante a ‘ameaça comunista’, a Copa de 1970, a precariedade do sistema educacional, o crescimento desordenado das cidades, o analfabetismo, a favelização, entre outras questões intimamente ligadas ao imaginário nacional, embora pouco representadas, são trazidas à baila na coletânea sob o signo da ruína. As histórias reunidas nos cinco volumes que compõem *Inferno provisório* descrevem uma realidade que nada tem de bucólica. São marcadas pelo alcoolismo e moralismo de uma gente que vive com “o pé direito na igreja e o esquerdo no botequim” (RUFFATO, 2005, v. 1, p. 24), pelo analfabetismo e pela violência doméstica. “Tão natural bater nos seus quanto comer, beber, cagar, espancando-os com mãos próprias ou fosse o que fosse, acha, chicote,

bambu, corrião, tala, cabo de vassoura, marmelo, galho, qualquer salmoura cura (Idem, p. 38)

As imagens de violência e devastação narradas por Ruffato em sua saga fazem lembrar o quadro do Paul Klee, *Angelus Novus*, descrito por Walter Benjamin em seu ensaio “Sobre o conceito de história”, no qual o filósofo sintetiza a imagem avassaladora da tempestade do progresso que a tudo devora: “Onde nós vimos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula ruína sobre ruína” (1994, p. 226). Ou ainda um verso da canção *Fora da ordem*, de Caetano Veloso que diz: ‘Aqui tudo parece que é construção e já é ruína’, evocado por Ruffato em ensaio sobre sua obra, para salientar que “pulamos da roça para a periferia decadente sem escalas...” (RUFFATO, 2008, p. 322).

A tal falta de escalas não se manifesta apenas no conteúdo da escrita de Ruffato, mas também na forma, na estrutura dos romances que compõem a coletânea, assim como os novos modelos de escrita da história, que dispensam conceitos teleológicos de causalidade, linearidade e continuidade progressiva, tão comuns ao realismo clássico.

O narrador clássico teria uma visão retrospectiva, orgânica, da unidade e totalidade do mundo. Já o modelo descritivo de história, privilegiado por Ruffato, favoreceria a emergência de uma realidade presente na forma de montagem, ou seja, uma realidade sem nexos, quadros pendurados lado a lado, sem relação explícita, sem explicação plausível ou imediata.

A saga de Ruffato trás uma rede de referenciais transversais que, a exemplo dos hipertextos, possibilitam ao leitor escolhas e caminhadas sem direção. Ruffato não cai na tentação do realismo clássico de reconstruir linearmente a história. Ele apenas recupera resíduos do passado. Em sua escrita, há um deslocamento das representações racionais, edificantes a favor de histórias no espaço das vivências e experiências da vida cotidiana, o que dispensa, o “esforço impossível de regular o mundo caótico da experiência vivencial a partir de categorias ordenadas numa sequencialidade linear (OLINTO, 2000, p. 121).

Através desta opção de escrita, que aceita a existência de realidades e acontecimentos simultâneos no tempo ou no espaço, ele radicaliza a própria estrutura de romance, como, por exemplo, no episódio “Zezé & Dinim”. As histórias destas personagens correm paralelas na própria mancha gráfica das páginas – na coluna da esquerda, corre à história de Zezé e na da direita a história de Dinim. Vez por outra as histórias se enroscam e o texto também.

Os episódios que compõem *Inferno provisório* vão ganhando ao longo da leitura o status de romance. No entanto, “é bem longe dos parâmetros preestabelecidos que aprendemos a definição de romance para Luiz Ruffato”, como define Cecília Almeida Salles na orelha de *Mamma son tanto felice!* (2005).

A ousadia formal, bem como o objetivo de representar uma história nacional não oficial e fragmentada - um dos principais alicerces da escrita de Ruffato – permeiam as páginas dos cinco volumes que compõem *Inferno provisório*, que, como uma rede de pescar ou colcha de retalhos, tem seus remendos e rasgos. Ao optar pela oralidade, pela escrita descritiva e por uma linguagem tão precárias e cheia de lacunas quanto a própria realidade de seus personagens, o autor consegue representar de maneira singular uma realidade nacional fora de qualquer padrão.

Sendo assim, a saga, ao mesmo tempo em que é uma continuidade de uma tradição literária de representar a nação, é também ruptura, pois ao invés de privilegiar os grandes acontecimentos sequenciais, relatos de causa e efeito, geralmente protagonizados por heróis, propõe uma outra apreensão da história, descompassada e inconclusa, protagonizada por anônimos personagens destituídos de heroísmos, trazendo à tona a história da exclusão de uma classe social negligenciada pela história oficial. “Histórias que são e não são parte da história do Brasil. Histórias fora da ordem e do progresso” (RUFFATO, 2004, p.11).

Referências Bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas volume 1)

BHABHA, Homi. **O local da cultura** (Pedagógico e performático). Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHARTEJEE, Partha. **La nación em tempo heterogêneo y otros estudios subalternos**. Buenos Aires: siglo Veinteuno, 2008.

CUNHA, Eneida Leal. **Literatura e identidade**. In: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões. Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes, n. 1 (1997 - 1998). Ilhéus: Editus, 1998.

DEALTRY, Giovanna. **Cidade em ruínas: a história a contrapelo em Inferno provisório, de Luiz Ruffato**. In: Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no. 34. Brasília, julho-dezembro de 2009, pp. 209-221.

_____. **O romance relâmpago de Luiz Ruffato: um projeto literário-político em tempos pós-utópicos**. In: Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea (org.): Giovanna Deatry, Masé Lemos, Stefania Chiarelli. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

FIGUEIREDO, Vera Follain. **Central do Brasil** – Em busca da terra prometida. Cinemais, n. 15, jan, / fev. 1999.

_____. Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea. Rio de Janeiro: Imago / Ed. UERJ, 1994.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Manual do usuário**. In: Em 1926: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELENA, Lúcia. **A narrativa de fundação: Iracema, Macunaíma e viva o povo brasileiro**. Congresso de Letras. Santa Maria, Jul / Dez de 1993.

LOBO, Rosana. Amores expressos: narrativas do não-pertencimento. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras da PUC-Rio. 2010. Orientação: Renato Cordeiro Gomes.

_____. **Um matuto ingênuo e bastante carismático**. In: Jornal do Brasil, Ideias, 03/10/2009.

- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas cidades; Ed 34, 2000.
- MIRANDA, Wander Mello. **Nações literárias**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
- OLINTO, Heirun Krieger. **Como falar de histórias (de literatura) hoje?** In: Revista Palavras. Rio de Janeiro: Trarepa, 2000, p. 114-123.
- RENAN, Ernest. **O que é uma nação?**. In: Nacionalidade em questão Org. Maria Helena Rouanet. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – I.L – 1997.
- RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: Expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.
- RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.
- _____. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. Até aqui tudo bem! (como e porque sou romancista – versão século 21). In: Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia. Izabel Margato, Renato Cordeiro Gomes (Org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- _____. **Domingos sem Deus**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- _____. (org.) **Fora da ordem e do progresso**. São Paulo: Geração editorial, 2004.
- _____. **Mamma, son tanto Felice**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **O livro das impossibilidades**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. **O mundo inimigo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **Vista parcial da noite**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- WILLIAMS, Raymond. **Residual, dominante e emergente**. In: Literatura e Marxismo. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.
- Rosana Lobo, doutoranda de Estudos de Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Puc-Rio (rosanaclobo@gmail.com)